



Comunidades de Prática (CoP): Um Novo Profissional Emergente na Área de Educação

Área: Formação Profissional, Inovação y Empleo

Neli Maria Mengalli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
mengalli@uol.com.br

Gilda Inez Pereira Piorino

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
gilda_piorino@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho deriva de estudos feitos em dois projetos promovidos pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo: Trilhas de Letras e Gestão Escolar e Tecnologias. A escrita acerca do novo profissional para formar os profissionais da educação emerge dos estudos e dos discursos de profissionais que trabalham com a educação. Descritos em dissertações de mestrado das autoras deste trabalho. É procurado mostrar as possibilidades de trabalho desse novo profissional formador na sociedade contemporânea e introduzir a idéia de criação de Comunidades de Prática (CoP) como espaços para aprendizados em núcleos centrais e periféricos, bem como as possibilidades de uso dos recursos tecnológicos para a formação de redes, resolução de problemas e tomada de decisão. É possível perceber as potencialidades para a sugestão de formação de redes e criação de comunidades, principalmente a Comunidade de Prática (CoP), como subsídios para a gestão baseada no conhecimento na Educação e para tal criação são necessários novos profissionais formadores.

Palavras-chave: Educação, Currículo, Gestão Baseada no Conhecimento, Redes, Comunidades, Comunidade de Prática (CoP) e Profissionalização.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo apontar a necessidade de novos profissionais na área educacional. Devido à necessidade da análise de contexto e de pessoas em instituições educativas, os profissionais seriam responsáveis pelo trabalho nas dimensões dialógicas e participativa, profissional e institucional.



Os ambiente de aprendizagem e de construção de conhecimento não são somente presenciais. São locais com interfaces que possibilitam as interações síncronas e assíncronas, permitem a inserção dos registros digitais e são potenciais para a produção, armazenamento e disseminação do conhecimento produzido pelo grupo em uma mesma instituição.

Na dimensão dialógica e participativa, os novos profissionais da educação, oriundos de universidades – mestres e doutores – contribuiriam no trabalho em núcleos periféricos e centrais. Dadas as habilidades com o trabalho reflexivo e com a formação de outros profissionais na área da educação, os novos profissionais assumem funções que incluem gestores educacionais, conteúdos, realidades, atividades, desafios cotidianos e criação de ‘melhores’ práticas em educação.

O termo melhores está marcado, posto que não é possível mensurá-lo de modo científico. As práticas cotidianas são legitimadas pelo grupo. Para a sistematização dessa prática social, os novos profissionais são responsáveis direta e indiretamente por mediação pedagógica. Não aquela encontrada nos cursos *on-line*, todavia a coordenação entre o participar do grupo e o fazer a gestão de contexto e pessoas para a apresentação das práticas reais.

Os profissionais que são tratados neste trabalho são frutos da percepção e da pesquisa em dois projetos vinculados à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, o Projeto Trilha de Letras e o Projeto Gestão Escolar e Tecnologias, implementados na rede pública de escolas paulistas no ano de 2004. Os projetos têm como públicos-alvos professores e gestores educacionais respectivamente. Entretanto quando findam os cursos existe a demanda por continuidade e não é traçado o perfil dos profissionais para a continuidade dos diálogos.

Esses novos profissionais nascem de necessidades impostas pela sociedade contemporânea e se destaca pelas características midiáticas. Neste trabalho, é focado o conceito de Comunidade de Prática (CoP) na Educação e as peculiaridades dos novos profissionais requeridos. Não é centrado em nenhum projeto em especial. Tem como eixo principal as teorias que sinalizam para a necessidade de novos locais para a construção de conhecimento significativo para as instituições e novos perfis de profissionais para trabalhar nesses espaços de aprendizagem e de produção de conhecimento.

A sociedade contemporânea, neste trabalho, é situada de modo a trazer para o leitor as crises de ordem econômica, cultural, social, política. Contudo os aprofundamentos epistemológicos centram em Comunidades de Prática (CoP) e profissionais que emergem para trabalhar com essas possibilidades de gestão baseada no conhecimento na educação.

A Sociedade Contemporânea e a Emergência do Novo Profissional

As mazelas, as hipocrisias, a estrutura de desigualdade e a falência do conceito de vivência de comunidade são parte integrantes da vida dos profissionais que trabalham em corporações e instituições educacionais. Junto a esses fenômenos sociais estão o desgaste da confiança, a lealdade, o compromisso e o sentimento de grupo que por ora destroem o conhecimento e as aprendizagens informais e ocasionam a impossibilidade da criação da ‘memória institucional’ (HARGREAVES, 2004).



Neste contexto, as racionalidades científicas são questionadas, tal qual a idéia de verdade universal. Os conhecimentos são fragmentados nos cursos e as pesquisas têm problemáticas que distinguem o conhecimento científico e que buscam no senso comum o alicerce para os estudos. É um momento em que, na chamada Sociedade do Conhecimento, o sistema de educação é um modo político que mantém, modifica ou se apropria de discursos com saberes e poderes para abrir vantagens e oportunidades (FOUCAULT, 2004)

Os discursos na mídia deixam implícitos os cenários da sociedade contemporânea. Nela estão as instituições públicas de educação e a formação de profissionais para a atuação na educação. Desse modo, desvela a necessidade para o olhar atencioso para a ideologia, para o poder e para o espetáculo midiático que estão nas instituições escolares e nos currículos que se apresentam. Essa sociedade carece de ter mais profissionais que façam outros profissionais a não se sujeitar a um trabalho fragmentado e sem produção de bens de informação. As insatisfações decorrentes das atividades educacionais necessitam de espaços para o diálogo com especialistas que promovam a mudança do paradigma educacional.

As estruturas capitalistas, situadas e trabalhadas, merecem um conceito emancipatório de educação. As Comunidades de Prática (CoP) são oportunidades de, dialeticamente, resolver problemas oriundos do trabalho com a educação. Não por um prisma otimista com vistas para a esperança em um discurso pessimista eivado de mal-estar que mostra uma educação não cumpridora das funções primeiras.

No retrato da sociedade contemporânea, é possível ver o indivíduo fragilizado que convive em locais de coesão social e em avanços brutais da chamada globalização. As tecnologias na educação e no mundo denotam os paradoxos dos excessos nas culturas e dos registros expressos que pedem uma moderação. A desordem organizada assola o mundo com a consagração do indivíduo, a morte da tradição, os projetos para as sociedades, as destruições dos limites, os pedidos por inovações, as guerras e as onipotências midiáticas, a infantilização de populações e os reflexos nos currículos escolares.

Existe uma provisoriade no mundo que clama por uma modernização compulsiva. A modernidade é líquida (BAUMAN, 2003) e descentralizada. No entanto traz elos em organizações feitas por redes. O trabalho do novo profissional na educação inicia pela constituição e arranjos de modo que é possível mapear a rede na educação. Ainda que temporária, tem potencialidade para o registro do conhecimento em um mundo marcado pela redução dos deslocamentos e agilidade do tempo.

Os sujeitos buscam as tecnologias e elas estão a serviço das mídias que povoam o imaginário das pessoas que transformam contextos. Os seres humanos interagem por meio de interfaces culturais e codificadas digitalmente. São capazes de interferir e modificar os pensamentos e os modos de atuar no meio social.

As mídias são os meios na área das comunicações audiovisuais que articulam as relações sociais e têm reflexos na cultura, na política e na economia (BELLONI, 2001). A Sociedade do Conhecimento, como porta voz do capitalismo, fortalece a idéia de que a educação é servida pela mídia e pela tecnologia. Os novos profissionais que formam outros profissionais na educação têm a função de desmistificar essas realidades impostas pelo poder e pela ilusão. As instituições, no processo de construção do conhecimento, criam mecanismos para que os diálogos e as participações sejam igualitárias.

A necessidade desses novos profissionais para o trabalho em Comunidades de Prática



(CoP) é expressa pela própria sociedade contemporânea. É uma nova oportunidade para profissionais pós-graduados para o trabalho com a formação de profissionais na área da educação.

Um Histórico para os Novos Profissionais na Sociedade Contemporânea

Os profissionais da educação vivenciam o quadro do rebaixamento do ensino e a inadequação dos cursos à realidade e às necessidades. A realidade mostra que a academia e as instâncias governamentais diagnosticam e sugerem para a melhoria da qualidade de ensino a formação dos profissionais da educação.

A relatividade do conhecimento em cursos e em mais cursos para os profissionais da educação é redimensionada por valores, pelo caos e pela provisoriedade. Embora redes de contato e de conhecimento sejam formadas nos cursos, não é dada a continuidade nas produções iniciadas pelos cursos.

Um dos sucessos no trabalho com pessoas e com contextos é a formação de grupos colaborativos para a construção de confiança básica entre as pessoas. O aprendizado com diferentes situações e os usos de recursos midiáticos e tecnológicos para agilizar o trabalho do profissional da educação constituem em desafios para as instituições educacionais.

As políticas de centralização são as responsáveis pela criação de espaços que privilegiem os movimentos dialógicos e participativos, bem como movimentos de profissionalização em serviço e de institucionalização do conhecimento. Ao invés de destruir a inteligência coletiva, é possível trabalhar para uma economia do conhecimento que exige a criatividade, a espontaneidade, a compreensão profunda, o pensamento crítico e o desenvolvimento de múltiplas formas de inteligência coletiva (HARGREAVES, 2004).

O desenvolvimento de estruturas e de processos permitem um aprendizado no interior de ambientes em constantes transformações. A abertura de comunidades para aprendizagem para os profissionais da educação contribuem para o aprendizado de modo coletivo e integrado, corroborando para o fim de reparos imediatistas e sem sistematização de problemas.



Década de 90: Retorno mascarado do “tecnicismo” nos programas de formação, ênfase no administrativo em relação ao pedagógico. Questionamentos sem respostas quanto ao problema da produção do conhecimento e a respeito da formação dos professores das séries iniciais.

Década de 70: A burocracia reinava. Idéias “tecnicistas” para a formação, o processo que formava o docente ignorava a globalidade do indivíduo, fragmentando-o. Existia ênfase na técnica.

Década de 80: Havia uma preocupação com a recuperação da formação do docente das séries iniciais. Foi criada a Habilitação Específica do Magistério, no entanto a questão da identidade continuou sem solução e a adequação a realidade não era satisfatória.

Figura 1: Ilustração da formação no século XX

A síntese, na figura 1, pretende ilustrar como o profissional da educação ainda sofre com uma pedagogia que não privilegia uma aprendizagem participativa, uma profissionalização e o conhecimento das reais necessidades da instituição, posto que não lida com os desafios sociais, globalizados e ‘grávidos’ de incertezas. Para tanto, existe a exigência por profissionais que vivenciem a ontologia, a epistemologia e a axiologia nas universidades, pois tem mais habilidades para identificar elementos para ser trabalhados nos programas de formação. Esses profissionais conseguem articular a teoria e a prática para que os profissionais da educação ancorem nas teorias para antecipar os problemas e argumentem e refutem as práticas cotidianas.

As formações de profissionais da educação são escolhas ideológicas nem sempre estão no mesmo século. Assim, não é mais possível ignorar o aprendizado e o aperfeiçoamento profissional de modo coletivo. O compartilhar idéias e as participações são suportes para a criação de comunidades que aprendam nos núcleos centrais e modifiquem núcleos periféricos.



O excesso de missão para os profissionais da educação cria novos estilos de vida, de consumo, novas maneiras de ver o mundo e de se apresentar para ele, bem como novos formatos para a aprendizagem. A continuidade para a profissionalização requer um comportamento aprendente e colaborativo.

Quando os profissionais da educação constroem comunidades para aprendizagem profissional sólidas, redes e grupos de pesquisa-ação, conseguem práticas sociais de qualidade. Obtém promoção de desenvolvimento profissional contínuo, compartilhado conectado com o ensino e com a aprendizagem. Exercem liderança instrucional por meio de formação e orientação intensivas com os novos profissionais que emergem na sociedade contemporânea para a formação de profissionais da educação. As decisões são tomadas com base em dados interpretados e com liderança distribuída. Com uso da criatividade e da flexibilidade com apoio institucional.

A formação inicial do profissional da educação torna-se rapidamente insuficiente, tendo em vista que não respeita um *continuum*. A formação continuada é crucial para o indivíduo e para o tempo dele, pois gera a igualdade de oportunidade e de condições de trabalho. É função da instituição organizar espaços para a criação de comunidades que possibilitem que os profissionais da educação aprendam mais, atendam as necessidades dos sistemas econômicos e consigam a estabilidade social.

Comunidade de Prática (CoP): Um Modo para Concretizar a Gestão Baseada no Conhecimento na Educação

Tendo em vista que as Tecnologias de Informação e Comunicação são introduzidas na Educação com a finalidade de facilitar o uso das informações nas tarefas administrativas e, em algumas escolas, para uso pedagógico de softwares básicos, educacionais e utilização da “Internet”, entre outros desígnios para a melhoria do processo ensino-aprendizagem e em nome de um número maior de dados produzidos. É possível inferir que o uso das tecnologias na escola pode contribuir para a expansão e acesso a uma informação recente e significativa.

A geografia da escola, com a informatização, precisa ser medida e observada com outra métrica, pode ser vista, em alguns casos, como um espaço destinado à colaboração, no qual corpo docente, corpo discente, gestores, equipe administrativa e comunidade escolar ‘gestam’, produzem, tecem e gerenciam o conhecimento significativo.

As escolas e as instituições que administram as escolas são locais privilegiados para a mudança e para a formação. Espaços propícios para desenvolver comunidades colaborativas, para que os profissionais da educação possam construir e gerir conhecimento, bem como trabalhar a própria prática, ‘edificando’ redes de inter-relações humanas e de conhecimento que podem ser formas de culturas colaborativas de aprendizagem (ALMEIDA, 2003).

A interação na formação continuada articulada com a realidade das escolas, o domínio dos recursos tecnológicos e a prática profissional acumulada que necessita de teoria para fundamentação em um movimento contextualizado podem utilizar os recursos tecnológicos e



mediáticos para beneficiar a comunicação, utilizando-se do registro para a pesquisa e para a recuperação das representações culturais implícitas em relatos escritos.

O desafio para os profissionais da educação está em incorporar as tecnologias às práticas pedagógicas e torná-las um instrumento a mais para as tomadas de decisões compartilhadas. É sabido que existem disponibilidades de ambientes virtuais que favoreçam a criação de comunidades colaborativas.

Esses espaços aliam tecnologia, informações, dados, especialistas, formadores, educadores e gestores em função de resolução de problemas, objetivos comuns e voluntarismo que tende a transformar-se em luta por qualidade (FREIRE, 2003).

O acompanhamento do desenvolvimento das práticas dos profissionais da educação pode se caracterizar em formação em serviço, desde que seja reconhecida pela instituição em que o educador esteja inserido e haja ou um professor ou um especialista que tenha bem claro que os registros poderão ser fontes de ações e pesquisas.

Atividades ou trocas mediadas por tecnologias e por um profissional formador que não ocupe uma função hierárquica definida dentro da comunidade, aliada a inclusão de múltiplas mídias e recursos, apresentação de informações de forma organizada e desenvolvimento de interações entre pessoas e objetos do conhecimento de forma a elaborar, socializar, construir e gerir conhecimento no local em que são trabalhadas as 'melhores' práticas é considerada uma formação em exercício. Afinal, o profissional está trazendo a própria prática e a perpassando pela teoria para resolução de problemas referentes ao trabalho.

A interação é a 'mantenedora' da pretensão de criar comunidades e culturas colaborativas de aprendizagem para o desenvolvimento contínuo do que na sociedade contemporânea chama de capital intelectual. Os eixos dessa aspiração são a comunidade, o domínio e a prática. Em relação à comunidade, é um espaço em que a interação, o registro e a organização permitam a construção e a gestão seja baseada no conhecimento; o domínio é o assunto que é necessário para a interação e integração dos partícipes, uma articulação com a gestão escolar; a prática é a contribuição, a troca e o aprendizado - o pomo do trabalho com a gestão em instituições educacionais – que com o outro será negociado e re-negociado, assim como emerge a significação e ressignificação da prática.

Conhecer a função dos recursos tecnológicos, juntar esse conhecimento à realidade e a prática profissional com os recursos tecnológicos e midiáticos em Comunidades de Prática (CoP) resultam em uma modalidade de formação em serviço contextualizada com a realidade da escola. É possível sair da fase embrionária que emerge da vontade de muitos e que poucos se juntam depois de eventos ou cursos para buscar as 'melhores' práticas e contribuir com a educação por meio de interações síncronas, assíncronas ou multissíncrona e inserção de registros de processos e produtos derivados do ensinar e do aprender.

O objetivo seria fornecer a comunicação, características encontradas nas Novas Tecnologias da Informação e Comunicação – e nas nem novas assim. O registro e a recuperação da escrita que contextualiza um pensamento ou uma alteração, a necessidade do resgate das idéias para a construção ou gestão do conhecimento, recuperação de conceitos, aprendizagem ou labutar a prática do profissional da Educação. Pesquisar o que aprende e devolver para a sociedade a contribuição do aprendido.

Um desafio para profissionais da educação, a incorporação das tecnologias e mídias na prática pedagógica. O que é possível perceber são processos ainda precários e incipientes que



pretendem inserir na gestão escolar o uso das tecnologias como um instrumento para o acompanhamento das atividades profissionais e de tomada de decisões compartilhadas.

A necessidade da inserção das tecnologias e das mídias na escola carece de um novo olhar. Ambientes virtuais são disponibilizados a cada dia, muitos proporcionam a criação de comunidades colaborativas. É possível armazenar registros por meio de recursos tecnológicos, os quais, também, permitem a interação com especialistas, formadores, educadores e gestores em momentos permissivos para trabalhar as práticas sociais.

É permitido visualizar e acompanhar o desenvolvimento das práticas dos profissionais da educação. Uma verdadeira formação em serviço em ambientes virtuais que favorecem a aprendizagem colaborativa. Em maioria, acessados via Internet, em alguns casos, com suporte técnico e com professores pesquisadores que orientam e/ou especialistas.

Os ambientes mais atrativos integram mídias e recursos, apresentam informações de maneira organizada, beneficiam as interações entre pessoas e objetos de conhecimento, promovem a elaboração, a socialização e a solidarização.

O tempo e o espaço são infinitos e o ritmo do trabalho com a prática de cada partícipe pode ser ampliado com a dos outros em uma geografia de palavras e intencionalidade. O planejamento deve ser feito e re-feito de acordo com as interações redesenhando o espaço para buscar as 'melhores' práticas.

Vários são os recursos, que podem ser encontrados na Internet, tais como: correio-eletrônico, fórum, bate-papo, conferências, comunidades fechadas estabelecidas ou programas que potencializam a interação por meio de cabos ou satélite, como as videoconferências ou teleconferências.

Gerir informações em comunidades colaborativas que trabalham a prática, com critérios de organização e com determinados *softwares* facilitadores na inserção de novas informações e novos acessos pode constituir em um aprendizado mais expressivo.

Os membros participam do gerenciamento do ambiente, da gestão da comunicação, da gestão da participação, da gestão do conteúdo, enfim da Gestão Baseada no Conhecimento. Mobilizam participantes por meio das interações que ficam registradas nas produções que tecem os fios do currículo emergente, que se assemelha a um currículo em rede.

Gerenciam os apoios, as conquistas, as avaliações, as ações e as reflexões, por meio de interações que propiciam, além de aprendizados, favorecem trocas informacionais e um agrupamento da comunidade que na medida em que interage, igualmente, pesquisa, cria, recria e se desenvolve.

O debate, as experiências, as vivências, os temas de interesse comum ou domínio e as atividades colaborativas como busca de alternativas para a solução de uma questão-problema definida que perpassa por situações contextuais, produção e gestão do conhecimento necessária para buscar alternativas de soluções para problemas nas gestões das atividades profissionais.

A formação propicia que o profissional da educação vivencie a dança entre teoria e prática. Tanto mais interessante é a construção desse caminho quanto mais próximo estiver da realidade do profissional. Nascida das necessidades efetivas das escolas e das instituições educacionais em que o docente está inserido. A participação ativa dos profissionais e dos seus pares, na discussão de projetos políticos e pedagógicos e de currículos que atendam às expectativas das sociedades contemporâneas.



A proposta de construção de uma comunidade aprendente, sob as premissas de uma Comunidade de Prática (CoP) é viável. Nesse caso, a equipe de profissionais da educação se volta para o estudo e para a pesquisa das potencialidades e limites do uso das diferentes tecnologias e mídias, sejam para a própria aprendizagem, como para a aprendizagem do grupo. Um trabalho que emerge no currículo em rede, na interação com diferentes profissionais que possam dar o aporte teórico-metodológico para as inquietações ou mesmo para a troca de experiências.

Sobre os Contextos de Pesquisa: Uma Realidade Pesquisada

O projeto precisou ser cuidadosamente elucidado para que as respostas viessem à tona. Assim sendo, as conclusões não pautam somente nos resultados apresentados pelo projeto, mas incluem reflexões sobre as suas conseqüências no cotidiano escolar, apresentando os resultados mais importantes encontrados que possam contribuir para o tema.

Vários os depoimentos de professores e de outros profissionais envolvidos no projeto acerca da mudança de postura dos alunos em sala de aula e nos relacionamentos com colegas e professores e de alguma forma as tecnologias contribuíram para que isso acontecesse. Todavia não existe somente a possibilidade dos profissionais da educação seguirem o projeto sem um acompanhamento contínuo e em exercício.

No decorrer das entrevistas com os professores, e mesmo com os Assistentes Técnicos Pedagógicos, não houve menção ao potencial relativo ao uso de hipertextos, o que demonstra que, mesmo que esses profissionais tenham a devida consciência sobre essa questão, ela não fica perceptível nos discursos. O conteúdo desenvolvido para o Projeto Trilhas de Letras contém inúmeras atividades desenvolvidas por meio de jogos. A tecnologia pensada pelo projeto é atual e atrativa, mas falta a consistência em relação aos equipamentos disponíveis.

Os equipamentos estão aquém do potencial pensado e disponibilizado pelo projeto e inclusive os profissionais da educação que ainda não estão devidamente preparados para o exercício da proposta apresentada. Existe um ideal daqueles que coordenam o projeto e da sociedade como um todo, que ainda não conseguiu ser totalmente realizado. O projeto precisa tanto do fator humano bem preparado quanto de uma técnica bem elaborada, e ambos estão ainda em processo.

O projeto precisa de momentos de reflexão, que não podem ser desprezados. No mínimo, os profissionais da educação têm contato com o computador, e aproxima-se de uma situação diferente para ele. Tem ficado muito claro, mais uma vez, o quão importante é a formação do profissional da educação, cuja consciência da própria função, somada ao conhecimento que tem a respeito dos instrumentos e tecnologias a seu serviço e à própria articulação com os objetivos do curso e do currículo são fundamentais para o sucesso do projeto no qual está atuando.

É possível perceber que projetos que têm por objetivo o uso das tecnologias no cotidiano da escola, só se concretizam quando os gestores se conscientizam do seu papel e do



papel da tecnologia. É o profissional da educação que faz a diferença e, não, a tecnologia. A tecnologia ajuda a ampliar essa diferença para o eixo positivo. O computador entra como um auxiliar do trabalho do profissional, contribuindo para importantes reflexões na área educacional. E para que isso ocorra, aparece nitidamente a necessidade de se ancorar o projeto desenvolvido à proposta pedagógica da instituição.

A tecnologia abre uma brecha onde parece não existir mais espaço para a criatividade. Cria possibilidades de ruptura, inovando as práticas pedagógicas. A formação do profissional da educação merece um olhar mais aguçado neste trabalho. Evidentemente, como as tecnologias têm grande relevância para o projeto e, muitos princípios deste projeto estão pautados nas possibilidades que elas podem oferecer à aprendizagem, não seria possível deixar de discutir o impacto destas na sala de aula e na formação desses profissionais.

A avaliação de impacto do projeto piloto também aponta a necessidade de uma melhor formação dos profissionais da educação, uma vez que fica evidente que os mesmos ainda não percebem os objetivos do projeto, o potencial das tecnologias no processo e, alguns deles apresentam, até mesmo, carência de conhecimentos em relação ao tema “leitura e escrita”, que prevê outros conhecimentos como alfabetização e letramento.

Os encontros de formação foram insatisfatórios. Existe a consciência sobre essa questão por parte da coordenação do projeto, a qual tem direcionado suas ações nesse sentido. As orientações realizadas no ano de 2005 comprovam esta preocupação. E os encontros, apesar de não terem por objetivo principal, formar os profissionais da educação para que tenham mais conhecimentos sobre as questões inerentes ao letramento, propiciaram momentos onde o tema pôde ser discutido.

A avaliação mencionada aponta para a possibilidade de a rede tecnológica vir a ser um suporte apropriado voltado à preparação e atuação dos profissionais da educação envolvidos nas ações do projeto. Cita ainda, uma maior adequação dessa preparação quando mais se viabilizar as interações a distância, o acompanhamento e orientação das ações em todos os níveis do trabalho. A avaliação de impacto do Projeto mostra que os objetivos do “Trilha de Letras” podem não ter sido alcançados no ano de 2004, pelo fato de os profissionais da educação não terem tido um entendimento claro da proposta do projeto e, principalmente, pelo fato de ele não ter propiciado um ambiente de interação e comunicação entre os participantes, como uso de fóruns, *chat*, *internet* e outras ferramentas de comunicação virtuais.

Em 2005, o uso do espaço virtual de interação entre os ATP e a coordenação, entre os profissionais da educação, existente no sítio do “Pátio Paulista”, foi incentivado, melhorando a interação entre os educadores. No entanto, segundo parecer da coordenação, essa interação virtual está aquém do desejado. Visitando tal espaço, é possível ratificar o que foi dito, pois nele aparecem mais discussões sobre a parte técnica e administrativa do que a pedagógica. De qualquer maneira, é um bom ensaio para uma futura integração entre os profissionais mencionados.

Sobre essa questão, percebeu-se que a vivência em outros projetos pode favorecer a tomada de consciência dos professores. O Projeto Gestão Escolar e Tecnologias, por exemplo, possibilita aos gestores perceberem a importância de outros projetos que prevêem o uso de tecnologias no cotidiano escolar da rede pública estadual de São Paulo. São vários os depoimentos inseridos nos fóruns do Projeto Gestão Escolar e Tecnologias sobre os projetos mencionados. Também são muitos os depoimentos sobre essa mesma questão, advindos de



professores, que contam que seus diretores, após participarem do Projeto Gestão Escolar e Tecnologias, passaram a se interessar mais pela Sala Ambiente de Informática – SAI – e pelos projetos ali desenvolvidos.

No caso do Projeto Gestão Escolar e Tecnologias, a existência de um ambiente virtual para a interação entre os gestores parece ter sido fundamental para a reflexão sobre o uso das TIC nas escolas. A abrangência do projeto permitiu discutir o uso das tecnologias em diferentes situações, e não somente como um recurso interessante e facilitador da aprendizagem dos alunos, como foram pensados os recursos tecnológicos no projeto Trilha de Letras.

O Projeto Gestão Escolar e Tecnologias parece estar mais em consonância com as Diretrizes norteadoras da política educacional do Estado de São Paulo que prevê a apropriação das tecnologias no sistema estadual em três dimensões: gestão, apoio pedagógico e criação de novas linguagens. É possível inferir que os gestores que participam do projeto passem a perceber os reais objetivos do projeto Trilha de Letras, passando a atuar de maneira mais significativa junto aos professores envolvidos.

O curso Gestão Escolar e Tecnologias, do Projeto Gestão Escolar e Tecnologias foi concebido com base em experiências anteriores em projetos de informática educacional, que apontaram a necessidade de envolver o gestor em projetos dessa natureza. Talvez não tenha, inicialmente, imaginado que pudesse ser agente aglutinador dos demais projetos da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Não obstante, a prática tem mostrado que os gestores que participam do projeto Gestão Escolar e Tecnologias começam a perceber e a entender os demais projetos implantados em suas escolas, após as reflexões vivenciadas enquanto alunos no curso Gestão Escolar e Tecnologias. Para o ano de 2006, foram instituídos novos critérios, para que um projeto seja colocado em prática nas escolas estaduais. Na reunião final de avaliação do Projeto Trilha de Letras, a representante da GIP, na ocasião, também representando a coordenadora da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP, disse que a CENP privilegiará alguns projetos para continuidade em 2006, dado o número excessivo deles, e que só continuarão aqueles que têm sucesso. O objetivo é cercar o elo gestão X aluno X professor. Na ocasião, ela fez referência ao Projeto Gestão Escolar e Tecnologias como um projeto que minimiza os problemas de formação e outros vividos pelos demais projetos da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Confirma-se a hipótese inicial de que a introdução de tecnologias no cotidiano escolar, muitas vezes, ocorre sem uma reflexão acerca do papel da Educação e da escola, contribuindo para que o computador e outros recursos se constituam em artefatos ilusórios, muito mais do que em ferramentas necessárias e úteis aos processos de ensino e aprendizagem. A introdução de tecnologias no cotidiano escolar pode ocultar, como previsto, muitos dos problemas comuns e caros à esfera educacional. Por outro lado, o uso consciente dessas tecnologias na esfera educacional pode suscitar reflexões importantes entre os educadores, contribuindo para o trabalho pedagógico em sala de aula e para a gestão dos processos educacionais. Nesse sentido, as tecnologias passam a desempenhar um papel fundamental enquanto catalisadoras de amplo questionamento sobre a Educação, conforme colocado no início deste trabalho.

Conclui-se que tem sido difícil para esfera educacional e para sociedade como um todo estabelecer um equilíbrio quanto ao uso das novas tecnologias de informação e comunicação.



O cerne do problema não está no que as pessoas sabem, e sim, naquilo que pensam saber e no que podem fazer com o que sabem, para melhorar a condição humana.

Nota conclusiva

A formação do profissional da educação é ponto chave para vencer o desafio da qualidade do ensino no país. Não se pode pensar em qualquer inovação educacional sem três condições prévias: a produção do conhecimento pedagógico, a formação dos profissionais da educação e o perfil do novo profissional formador de profissionais da educação.

Ficam perceptíveis as inúmeras tentativas governamentais e institucionais em relação à formação dos profissionais da educação e, também que uma formação adequada, independente se em nível médio ou superior, está pautada numa concepção de currículo e sociedade. De qualquer maneira, deve-se levar em consideração a inovação para que não se coloque em risco a qualidade da educação. Os profissionais da educação têm de aceitar a evolução funcional e acadêmica como todas as outras profissões valorizadas no mundo contemporâneo.

A formação inicial do profissional da educação tem que prever sua preparação para a inovação tecnológica e suas conseqüências pedagógicas e também sua formação continuada, em uma perspectiva de formação ao longo da vida. A integração das tecnologias e das mídias na formação inicial do profissional da educação permanece uma grande dificuldade.

No Brasil, serão necessárias políticas públicas decisivas de investimento em educação superior e formação continuada do pessoal da área educacional, para que, de fato, ocorra verdadeira transformação e um salto qualitativo na educação nacional.

Referência:

- ALMEIDA, M. E. B. Tecnologia e Gestão do Conhecimento na Escola. In: Vieira, A. T. et. al. (org.) **Gestão Educacional e Tecnologia**. São Paulo: AVERCAMP, 2003. p. 113-130.
- BAUMAN, Z. **A Sociedade Líquida**. FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 19 de outubro 2003, Caderno Mais!
- BELLONI, M. L. **O que é Mídia-Educação**. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2001.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança – Um encontro com a Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- HARGREAVES, A. **O Ensino na Sociedade do Conhecimento: Educação na Era da Insegurança**. Porto Alegre: Artmed, 2004.



MENGALLI, N. M. **Interação, Redes e Comunidades de Prática (CoP): Subsídios para a Gestão do Conhecimento na Educação.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 2006.

PIORINO, G. I. P. **Dimensões da Tecnologia e Efeitos na Rede de Ensino: Um Estudo Pautado na Implementação do Projeto Trilha de Letras nas Escolas da Rede Pública Estadual de São Paulo.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 2006.